

Corpo e Comunicação

O conceito de corporalidade sob o olhar comunicacional

Body and Communication

The Concept of Corporality from a Communicational Perspective

Lara Lima Satler

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da graduação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Goiás. Tem graduação em Publicidade e Propaganda, especialização e mestrado em filosofia, doutorado em Arte e Cultura Visual e pós-doutorado em Estudos Culturais. Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Goiânia (GO), Brasil.

Beatriz de Almeida Prado

Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás, Mestre em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás (2021), Especialista em Psicologia do Esporte pela UNINTER (2016) e Graduada em Educação Física na modalidade bacharelado pela Universidade Federal de Goiás (2013). Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Goiânia (GO), Brasil.

Resumo

A comunicação é parte fundamental da existência humana em sociedade. Identificar suas características e processos de funcionamento auxilia não apenas na compreensão do fenômeno comunicacional em si, mas também de diversos processos sociais. José Luiz Braga, em diálogo com Oliver Sacks, argumenta que a comunicação, além de se exercer pela linguagem já existente, atua

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed53.2024.392>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 24, Nº 53, p.119-134, maio/ago. 2024

como geradora onde ela inexistente. A partir disso, propomos um passo anterior: sendo a comunicação gerativa da linguagem, o corpo seria gerador da comunicação. Com essa ideia em mente, buscamos com o presente artigo compreender como conceitos comunicacionais têm aparecido nos estudos de corporalidade na área da Educação Física. Por meio de uma abordagem metodológica de pesquisa bibliográfica, apontamos como resultado que a precisão do conceito de corporalidade, ao ser analisada em diálogo com o comunicacional, pode contribuir com pesquisas que se ocupam do corpo como interesse de investigação.

Palavras-chave: Corpo. Corporalidade. Comunicação.

Abstract

Communication is a fundamental part of human existence in society. Identifying its characteristics and operational processes helps to understand not only the phenomenon of communication itself, but also various social processes. José Luiz Braga, in dialogue with Oliver Sacks, argues that communication is not only exercised through existing language, but also acts as a generator where it doesn't exist. Based on this, we propose a previous step: since communication is generative of language, the body would be a generator of communication. With this idea in mind, this article seeks to understand how concepts of communication have appeared in studies of corporeality in the field of Physical Education. Using a methodological approach of bibliographical research, the results show that the precision of the concept of corporeality, when analyzed in dialogue with communication, can contribute to research that deals with the body as a research interest.

Keywords: Body. Corporality. Communication.

Resumen

La comunicación constituye una parte esencial de la existencia humana en sociedad. Identificar sus características y procesos de funcionamiento no solo facilita la comprensión del fenómeno comunicativo en sí mismo, sino también de diversos procesos sociales. José Luiz Braga, en diálogo con Oliver Sacks, sostiene que la comunicación no solo se manifiesta a través del lenguaje existente, sino que también actúa como generadora en aquellos contextos donde este no está presente. A partir de esta premisa, proponemos un paso previo: dado que la comunicación es generadora de

lenguaje, el cuerpo se erige como generador de comunicación. Con esta premisa en mente, este artículo busca comprender cómo se han incorporado los conceptos comunicativos en los estudios sobre la corporalidad en el ámbito de la Educación Física. A través de un enfoque metodológico basado en la investigación bibliográfica, los resultados evidencian que la precisión del concepto de corporeidad, cuando se examina en diálogo con la comunicación, puede enriquecer las investigaciones que tienen al cuerpo como objeto de estudio.

Palabras clave: Cuerpo. Corporalidad. Comunicación.

Introdução

Reflexões acerca do corpo e da importância de estudá-lo não são recentes. Diversas áreas do conhecimento vêm se interessando em observar o corpo para além dos estudos biológicos e biomecânicos, desde Aristóteles até a atualidade, mesmo que tenha havido e ainda haja quem o considere algo de menor importância ou indigno de atenção. Adorno e Horkheimer (1947) ponderam que

O amor-ódio pelo corpo impregna toda a cultura moderna. O corpo se vê de novo escarnecido e repellido como algo inferior e escravizado, e, ao mesmo tempo, desejado como o proibido, reificado, alienado. É só a cultura que conhece o corpo como coisa que se pode possuir; foi só nela que ele se distinguiu do espírito, quinta-essência do poder e do comando, como objecto, coisa morta, “*corpus*”. (p. 109, sic)

De forma simultânea e contraditória, é possível perceber um culto ao corpo em obras de arte e meios de comunicação ao longo da história e sua inferiorização a partir da valorização do intelecto e da intelectualidade. Essa cisão artificial entre corpo e mente acaba por reforçar a dualidade amor-ódio pelo corpo que foi pontuada pelos autores, mas se torna sem sentido quando se pensa a materialidade dos fatos: a mente humana só se desenvolve por intermédio de suas vivências corporais, uma vez que o ser humano não existe fora de seu corpo.

Na mesma obra, Adorno e Horkheimer (1947) consideram que o corpo, por si só, seria uma coisa morta, enquanto o corpo que de fato tem vida seria aquele que se apresenta socialmente.

Não se pode mais reverter o corpo físico (*Körper*) no corpo vivo (*Leib*). Ele permanece um cadáver, por mais exercitado que seja. A transformação em algo de morto, que se anuncia em seu nome, foi uma parte desse processo por meio do qual se transformava a natureza em matéria e material. As obras da civilização são o produto da sublimação, desse amor-ódio adquirido pelo corpo e pela terra, dos quais a dominação arrancou

todos os homens. A medicina torna produtiva a reacção psíquica à corporificação do homem (*Verkörperung*); a técnica, a reacção à reificação da natureza inteira. (p. 110, sic)

Partindo-se do pensamento dos autores, podemos considerar que, se é a socialidade que anima o corpo morto, a essência fundamental da vida seria, então, a comunicação. É a partir da comunicação que um ser reconhece o outro e, por conseguinte, a si mesmo; a comunicação possibilita o desenvolvimento social, intelectual, pessoal e coletivo. Braga (2017, p. 37) discute que o impulso comunicacional levou ao desenvolvimento de profissões “voltadas para atividades reconhecidas como de comunicação”, as quais, na cultura do trabalho contemporâneo, especializam “tarefas antes infusas na variedade das ações humanas. Correlatamente, vemos o desenvolvimento de tecnologias acionáveis como veículo e forma para uma comunicação ampliada”.

Tendo essas premissas em mente, se mostra impossível separar o corpo da comunicação, uma vez que o corpo só é humano como o conhecemos por ser comunicacional, enquanto a comunicação necessariamente se dá pelos e com os corpos dos sujeitos na história social. Assim, entendendo a comunicação como aquilo que viabiliza que os seres humanos em sociedade negociem suas ideias, a fim de acordar os padrões e comportamentos aceitáveis, os modos de atingi-los e os objetivos coletivos daquele grupo (BRAGA, 2010), é possível realizar uma aproximação desta com o conceito de corporalidade.

Sendo um termo utilizado em diversas áreas do conhecimento, cabe aqui uma breve explicação. Para a área da Educação Física, por ser um conceito fundamental, este é um termo em disputa e apresenta diferentes definições, que, resumidamente, dizem respeito ao corpo para além do físico, inserido na sociedade e em contato com os demais, dentro de um contexto que possibilita a expressão subjetiva, desenvolvida no processo sociocultural e, portanto, participante do próprio processo de comunicação entre os seres humanos e destes com a natureza.

A fim de contribuir com os estudos sobre corpo e corporalidade na área da Comunicação, buscamos com o presente artigo compreender como conceitos comunicacionais aparecem nos três principais conceitos de corporalidade praticados pela Educação Física enquanto área que elege o corpo como fundamental para suas pesquisas. Justificamos tal abordagem interdisciplinar na medida em que ambos os campos de estudo, a Comunicação e a Educação Física, podem se beneficiar da precisão conceitual desses termos. Por isso, um estudo do ponto de vista de conceitos praticados na Comunicação pode também valer-se de e complementar as perspectivas já existentes na Educação Física. Assim, por meio da pesquisa

bibliográfica (STUMPF, 2005) que relaciona corpo, comunicação e corporalidade, iniciamos no primeiro item uma breve revisão sobre comunicação e corpo para, no segundo item, problematizar a precisão do conceito de corporalidade na sua relação com a comunicação.

1 Pode o corpo ser comunicação?

Por ser uma área de conhecimento bastante nova quando comparada a outras como a Filosofia, a Física ou a Biologia, a Comunicação vem bebendo de diversas fontes ao longo de sua história a fim de construir as suas próprias teorias. Se, por um lado, esse processo possibilitou novas perspectivas para objetos que já vinham sendo analisados por outros pontos de vista, a natureza interdisciplinar do campo da Comunicação também criou diversas confusões.

A discussão sobre a natureza interdisciplinar da Comunicação é, em grande parte, o testemunho paradoxal tanto da persistência quanto da superação de um problema que estranhamente resta pouco abordado, se não intacto: o problema do objeto de estudo dessa disciplina. “Diante da falta de uma reflexão sobre a matéria, freqüentemente recorre-se à interdisciplinaridade como uma tática de evasiva. Dizia W. Schramm que a *Comunicação é uma espécie de encruzilhada pela qual muitos passam e onde poucos permanecem*” (MARTINO, 2007, p. 28, sic, grifo nosso).

Nesta encruzilhada disciplinar, é fundamental que tenhamos em mente o que estudamos e com quais finalidades, ou seja, ter claro qual objeto de estudo escolhemos e levantar as “perguntas que só podem ser feitas no âmbito de uma disciplina que se volte expressamente para a compreensão dos fenômenos comunicacionais enquanto constituidores de regras institucionais *através das estratégias que produzem*” (BRAGA, 2010, p. 43, grifo do autor). Com esta proposição em mente, passamos aos estudos sobre corpo.

Tradicionalmente, a visão filosófica predominante sobre corpo o entende como algo secundário, como o instrumento da alma (SILVA, 2010), e reflexos dessa interpretação podem ser percebidos em estudos de diversas áreas, como a própria comunicação quando reconhece o corpo como mídia (BAITELLO JÚNIOR, 1996). Questionando esse ordenamento, Foucault (2016; 2007) coloca o corpo em posição de destaque na análise social, enfatizando como as práticas de poder se mostram e penetram nos corpos e como seria possível compreender melhor a forma de organização social e institucional na modernidade a partir da observação atenta dos corpos que a compõem. A abordagem de Merleau-Ponty (1999) também

evoca o corpo como elemento central da existência humana, afirmando-nos como seres corporais no mundo, talvez até um pouco mais, pois, segundo este filósofo francês, o corpo é o veículo de comunicação entre o homem e o mundo¹. Por isso,

Essa ótica possibilita também ampliar o entendimento do sujeito (como ser corpóreo) e da sua relação com o mundo. Para este autor a experiência perceptiva como reflexão originária é sentida no corpo. O corpo é visto como o *locus* que sustenta a relação do homem no mundo vivido, pois é através do meu corpo que “tenho consciência do mundo”. (SCHWENGBER, 2010, p. 104, grifo da autora)

Portanto, este corpo não compreende apenas os aspectos biológicos que o formam, mas todas as complexidades envolvidas no pensar, no sentir e no agir que o tornam um ser singular diante de outros e produzem o sujeito, de tal maneira que não faz sentido ignorá-lo ou inferiorizá-lo. É no corpo que está a nossa existência, por isso Merleau-Ponty (1999) afirma que não temos corpos, estamos em nossos corpos ou, ainda, somos nossos corpos próprios

Na teorização tradicional, o corpo é considerado como substrato biológico, naturalmente dado, de forma separada e independente dos sistemas sociais e culturais de significado. Já na teorização cultural contemporânea esses postulados são questionados, argumentando que o corpo é, ele próprio, um construto cultural, social, histórico, *plenamente investido de sentido e significação*. (SCHWENGBER, 2010, p. 106, grifo nosso)

Isto posto, é interessante pensarmos sobre o que seriam então esses sentidos e significações dos quais o corpo está investido.

2 Corporalidade e comunicação

Apesar de muitas vezes acabar se confundindo com o próprio conceito de corpo, a corporalidade se difere deste por envolver mais do que apenas o corpo em si. Cabe aqui uma breve explicação sobre a escolha de palavras². Dentro de línguas de origem latina, os vocábulos corporeidade e corporalidade geralmente são apresentados como sinônimos, mas podem apresentar distinções para seus usos, a depender do contexto e do/a autor/a que os empregam.

A corporeidade, segundo Santin (2010), é o que constitui o corpo como uno, individual e inalienável, significando assim que cada um seria a sua corporeidade. No entanto, por abordar o tema de

¹ Mesmo reconhecendo que esses autores advêm de perspectivas teóricas distintas e, portanto, não complementares, tornou-se necessário retomá-los brevemente aqui para iniciarmos os estudos sobre o corpo.

² A questão da diferenciação entre corporeidade e corporalidade tem sido assunto de dúvidas, por isso consideramos relevante trazer essa explicação para este artigo, ainda que de maneira breve.

modo muito abstrato, o conceito passou a ser criticado e debatido. Buscando se contrapor a essa visão e ancorar-se na realidade material, surge o conceito de corporalidade.

Esse diagnóstico a distancia de qualquer noção idealista, inclusive a noção de *corporeidade*, no modo como circulou entre nós, pelo entendimento que muitos autores conceberam esse conceito de uma maneira excessivamente abstrata, por vezes até metafísica. Ou seja, corporalidade não é uma maneira diferente de dizer o mesmo. Antes, como noção teórica, pretende refletir, por meio das manifestações corporais, sobre os problemas que afligem homens e mulheres vivendo em uma sociedade no instante de cada um dos seus encontros com os outros, consigo ou com o mundo no qual partilham as suas experiências. (OLIVEIRA, 2014, p. 155-156, grifo do autor)

Entendemos que essa discussão continua em aberto e que ambos os termos seguem em disputa teórica, no entanto, tendo em vista a abordagem escolhida e o fato de ser uma palavra comum entre as áreas da Educação Física e da Comunicação, entendemos que o uso da expressão corporalidade seja o mais adequado para fins deste texto. Esclarecido esse ponto, passaremos agora para as definições de corporalidade mais utilizadas na Educação Física e suas questões comunicacionais.

Com o auxílio da revisão integrativa realizada por Kirsten et al. (2022), identificamos que as três definições mais usuais nos trabalhos que abordam a corporalidade nas principais revistas científicas relacionadas ao campo de conhecimento da Educação Física são:

1. Processo de comunicação;
2. Relação sociocultural manifesta na linguagem;
3. Construção histórica e social vinculada ao poder, à linguagem e ao trabalho.

Já neste ponto é possível reconhecer a presença dos processos comunicacionais não apenas na corporalidade em si, mas nas próprias teorizações utilizadas na Educação Física. Braga (2017) aponta caminhos para a realização de estudos como o que aqui pretendemos:

Outra tática complementar é a de abordagens transversais a diversos campos especializados. Trata-se de perceber processos comunicacionais que se manifestam em uma diversidade de *ambientes de conhecimento*, modalizados por estes. Trata-se de buscar características que se mantêm, malgrado as modalizações diversas. (p. 37, grifo do autor)

Dispondo dessa abordagem transversal, buscaremos a seguir a identificação do especificamente comunicacional nos conceitos de corporalidades apresentados.

2.1 Corporalidade como processo de comunicação

A corporalidade, na perspectiva do processo de comunicação, costuma ser bastante utilizada em estudos que tratam da relação estabelecida entre corpos físicos e corpos virtuais, como avatares em jogos ou redes sociais online. A noção de corporalidade aqui está intrinsecamente ligada à tecnologia e às mídias, no sentido mais corriqueiro e popular da palavra, buscando pensar as vinculações entre o corpo e a imagem de si que se faz no mundo real e como isso se expressa na criação de seus corpos no mundo virtual. Com o aumento do acesso a dispositivos de realidade virtual aumentada (VR), pesquisas que fazem uso desta definição de corporalidade podem aumentar, em especial em países europeus e norte-americanos, onde não há tradição de se pensar criticamente a Educação Física.

Pires et al. (2020) destacam a relação entre o virtual e o real, mostrando como o corpo se conecta com a máquina, criando semelhanças que podem levar à confusão entre os dois. Em essência, o virtual é considerado uma outra manifestação do real. Moura et al. (2021), ao tratar de escritos do filósofo Don Ihde, afirmam

as relações de incorporação [corporalidade] em um contexto de uso, no qual é possível perceber o mundo por meio do instrumento. Os efeitos da tecnologia são revelados na alteração da percepção humana; ela deve ser tecnicamente (fisicamente) transparente, integrando-se ao *sensorium* corporal. (p. 28, tradução nossa)³

Percebemos aqui certa aproximação com a ideia já citada anteriormente do corpo-mídia ou do corpo como meio de comunicação. Cabe destacar que falar sobre mídia não necessariamente significa falar sobre comunicação, uma vez que a primeira trata de um objeto empírico de estudo, e não de um conceito. No entanto, essa é uma confusão comum em diversas pesquisas, em especial naquelas de fora da área da Comunicação.

Partindo da perspectiva reducionista de comunicação como transmissão de informação de um emissor para um receptor (SHANNON, 1948), esta forma de entender o corpo e a corporalidade também parece bastante limitada.

Ora, se o “*habitat* natural” das ideias é a mente, para expressá-las é necessário estabelecer processos de comunicação – seja por meio de gestos, da fala ou da escrita – e toda comunicação necessita de um instrumento, uma mídia. O corpo é este elemento fundamental que permite ao indivíduo expressar suas

³ For the philosopher Don Ihde, the relations of embodiment in a context of use, in which it is possible to perceive the world through the instrument. This Technology's effects are revealed in the alteration of human perception; it must be technically (physically) transparent, integrating with the bodily sensorium. (MOURA et al., 2021, p. 28).

ideias de forma que elas sejam reconhecidas como informações. Assim, ele pode ser considerado uma mídia do conhecimento, uma vez que serve de interface para a comunicação de ideias (CAVENAGHI, 2018, p. 46, grifo do autor)

É possível então que esta definição aproxime a corporalidade mais aos estudos de interface do que propriamente aos de Comunicação.

2.2 Corporalidade como relação sociocultural manifesta na linguagem

Sob a perspectiva da corporalidade como relação sociocultural manifesta na linguagem, esta é a ligação estabelecida entre “o organismo, a perspectiva subjetiva, a cultura e o ambiente natural onde se constitui, marcando a construção das práticas corporais e de suas técnicas corporais de forma indelével” (SILVA et al., 2011, p. 48). Tal entendimento se aproxima do conceito de Cultura Corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992) ou de Cultura Corporal de Movimento (BRACHT, 2005)⁴.

No livro *Metodologia do ensino de Educação Física* (Coletivo de Autores, 1992), discutiu-se a importância de considerar as manifestações culturais corporais no contexto do ensino de Educação Física nas escolas, destacando que a cultura corporal não deve ser entendida apenas como um conjunto de atividades físicas, mas sim como um fenômeno cultural com significados e valores simbólicos próprios. Por sua vez, o conceito de cultura corporal pode ter se originado das técnicas do corpo⁵ de Mauss, ainda que o autor não seja mencionado diretamente no livro supracitado.

A corporalidade seria, então, o fruto desta cultura corporal, a forma como o ambiente no qual o sujeito está inserido se manifesta no, com e através de seu corpo, tornando o indivíduo uma espécie de epítome da própria sociedade.

O homem, através do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração (a palavra é significativa). Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões. (DAOLIO, 1995, p. 25, grifo do autor)

4 Bracht (2005) realizou reflexões sobre o conceito que desenvolveu junto ao Coletivo de Autores (1992) de cultura corporal. Uma vez que não há cultura sem corpo, toda cultura seria corporal. Assim, para o autor, o conhecimento específico da Educação Física diz respeito à Cultura Corporal de Movimento.

5 “Às técnicas dos instrumentos, Mauss opõe um conjunto de técnicas do corpo, ao qual confere um papel preliminar: o corpo é o primeiro instrumento do homem, e ainda, o primeiro objeto e meio técnico do homem. Atribuindo à noção de técnica o que chama de ato tradicional eficaz, Mauss afirma não existir técnica nem transmissão se não houver tradição. Técnicas do corpo referem-se então aos modos pelos quais as pessoas sabem servir-se de seus corpos de maneira tradicional, o que varia de uma sociedade a outra” (HAIBARA e SANTOS, 2016, n. p.)

Essa visão de corporalidade nos parece mais próxima da comunicação propriamente dita quando comparada com a exposta anteriormente. Percebemos aqui um tratamento da corporalidade que se aproxima daquilo que Braga (2011) nomeia como dispositivo interacional, o qual abarca os espaços e modos de uso caracterizados por regras institucionais, tecnologias, estratégias, ensaio-e-erro e agenciamentos táticos locais, que moldam a experiência vivida e as práticas sociais.

Em síntese, os dispositivos correspondem ao contexto disponível segundo lógicas locais. Portanto, neles se pode observar diversidade. Dentro de um determinado dispositivo, cada episódio comunicacional “segue as regras” – mas também exerce uma tendência de variações, menores ou maiores, que podem resultar em deslizamentos na própria matriz. (BRAGA, 2010, p. 50)

Entendendo que o processo comunicacional não ocorre apenas por meio do corpo, a corporalidade se mostra aqui como mais do que apenas um meio de transmissão. O episódio comunicacional então segue os caminhos estabelecidos pela corporalidade do sujeito, produzindo sentidos e significados que podem trazer novos elementos para a corporalidade e “retraçar” esses caminhos. A comunicação aqui se dá, portanto, como uma premissa da corporalidade.

2.3 Corporalidade como construção histórica e social vinculada ao poder, à linguagem e ao trabalho

Nesta concepção de corporalidade, pudemos perceber uma conexão com a que foi descrita no tópico anterior. No entanto, esta diferencia-se por colocar as relações de trabalho e o modo de produção em evidência na construção da corporalidade de um indivíduo. Sobre corporalidade,

entendemos esse termo como o processo de expressão do corpo em sua dimensão objetiva, por meio de seu contato com a natureza, ao mesmo tempo, exprimindo a sua perspectiva subjetiva em relação a outros seres humanos. A corporalidade é, desse modo, um processo constituído no contexto histórico das relações sociais contraditórias, mediadas pelas relações de trabalho do modo de produção vigente (BAPTISTA e LEAL, 2018, p. 212)

Sob o prisma do materialismo histórico-dialético, esta visão de corporalidade percebe o trabalho como aquilo que constitui e mantém o ser humano do ponto de vista ontológico (MARX, 2011). Assim, a constituição e as manifestações das corporalidades dos sujeitos seriam uma construção sócio-histórica que, por se darem em sociedades notadamente marcadas pelo modo de produção capitalista, são fortemente permeadas pelas relações de trabalho e poder que se impõem nesse contexto.

Compreendendo o corpo como o agente organizador da experiência, esta visão da corporalidade nos auxilia a perceber a produção social assimilada pelo indivíduo ao apresentar um corpo historicizado⁶, que subjetiva e somatiza aspectos de sua sociabilidade. A corporalidade então seria simultaneamente aquilo que nos individualiza e que nos une enquanto classe, mas também enquanto humanidade.

A comunicação também se mostra claramente aqui, mais uma vez sendo possível entender a corporalidade como dispositivo interacional, uma vez que opera estabelecendo a comunicação de acordo com as regras instituídas. Neste sentido, tanto a corporalidade quanto a comunicação são entendidas como interação, o que implica que “não é ‘a mídia’, enquanto tecnologia, veículo ou empresa, que se caracteriza como dispositivo interacional – mas sim subconjuntos de regras e práticas habituais, apenas parcialmente determinados por estas instituições abrangentes” (BRAGA, 2010, p. 50).

No entanto, nos atrevemos a avançar e pensar que a corporalidade aqui pode ser pensada como um processador comunicacional (BRAGA, 2023), ou seja, um processo que viabiliza a comunicação e a torna socialmente disponível, sendo o resultado de um conjunto de experiências e ações de comunicação.

Conclusões

O presente artigo buscou compreender como questões comunicacionais têm aparecido nos estudos de corporalidade na área da Educação Física e de que maneiras os processos comunicacionais se apresentariam nas conceituações desenvolvidas nesta área a fim de refletir como os estudos sobre corpo e corporalidade na Comunicação podem se beneficiar ao voltar seu olhar para elas.

Inicialmente buscamos investigar a importância de se pensar o corpo sob a mirada da Comunicação enquanto campo do saber, uma vez que entendemos que é inviável dissociar a ideia de corpo da comunicação, tendo em vista que o corpo só alcança sua humanidade ao se comunicar, e a comunicação, por sua vez, ocorre inevitavelmente por meio dos corpos dos indivíduos e em conjunto com eles. Se Merleau-Ponty (1999) considera o ser humano um ser corporal, seria possível adicionar que somos também seres comunicacionais ou corpóreo-comunicativos.

Analisando artigos publicados nas principais revistas científicas relacionadas ao campo de conhecimento da Educação Física e com o auxílio da revisão integrativa realizada por Kirsten et al. (2022),

⁶ “[...] O corpo não está dentro do espaço (ele habita o espaço) da mesma forma que não está no tempo (o corpo é uma história dentro de outra história - corpo-historicizado); já não há um corpo e um lugar, há um corpo-lugar.” (SCHWENGBER, 2010, p. 105)

podemos identificar os três principais conceitos de corporalidade utilizados atualmente: como processo de comunicação, como relação sociocultural manifesta na linguagem e como construção histórica e social vinculada ao poder, à linguagem e ao trabalho.

Se a primeira descrição nos traz uma visão mais instrumental do conceito de comunicação, se aproximando mais dos estudos de interface, as duas seguintes parecem mais compatíveis com estudos propriamente comunicacionais. Em ambas a comunicação se mostra como uma premissa da corporalidade, mas a segunda considera o contexto sociocultural como um todo, enquanto a terceira destaca o papel do modo de produção capitalista na corporalidade humana. A análise destas duas acepções nos permitiu conceituar a corporalidade como um dispositivo interacional estrutural e estruturante do processo comunicativo, podendo ainda ser considerado um processador comunicacional. Tal perspectiva amplia o conceito corporalidade com as contribuições da teorização comunicacional de Braga (2011), tão cara ao campo epistemológico da área da Comunicação.

Junto ao exposto e refletindo sobre os escritos de Braga (2017), percebemos o corpo como gerativo da comunicação, enquanto esta é, por sua vez, gerativa da corporalidade, pois a comunicação, em dado sentido, manifesta-se na corporalidade. Concluímos então que esta última é o elemento intermediário por meio do qual a comunicação acontece e se inscreve nos contextos sociais. Entendemos, no entanto, que esta é uma conclusão que exige reflexões mais extensas e aprofundadas, algo que, contudo, será assunto para um próximo texto.

Lara Lima Satler

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2509-6278>

Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Goiânia (GO), Brasil

Doutora em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás

E-mail: lara_lima_satler@ufg.br

Beatriz de Almeida Prado

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8997-6098>

Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Goiânia (GO), Brasil

Mestra em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás

E-mail: beatriz.almeida@discente.ufg.br

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed53.2024.392>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 24, Nº 53, p.119-134, maio/ago. 2024

Recebido em: 17 de janeiro de 2024.

Aprovado em: 1 de fevereiro de 2023.

Referências:

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986, p. 241-254.

BAITELLO JUNIOR, Norval. O corpo como mídia. *In*: CAMPELO, Cleide Riva. **Cal(e)idoscorpos**: um estudo semiótico do corpo e seus códigos. São Paulo: Annablume, 1996.

BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro; LEAL, Cátia Regina Assis Almeida. Diálogos entre a Educação, Educação Física e a saúde pública. *In*: SILVA, Silvio Ribeiro da. (Org.). **Processos de ensino e aprendizagem e cultura escolar**: interação e ação em diferentes abordagens. 1 ed. Campinas: Pontes Editora, 2018, p. 199-227.

BRACHT, Valter. Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento? *In*: SOUZA JÚNIOR, Marcílio. **Educação Física Escolar**: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica. Recife: EDUPE, 2005.

BRAGA, José Luiz. A comunicação gerativa. Um diálogo com Oliver Sacks. **Matrizes**, v. 11, n. 2, p. 35-55, maio/ago., 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143052466003>. Acesso em: 20 jul. 2023.

_____. Comunicação é aquilo que transforma linguagens. **Alceu**, v. 10, n. 20, p. 41-54, jan./jun., 2010. Disponível em: http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu20_Braga.pdf. Acesso em: 21 jul. 2023

_____. Dispositivos interacionais. *In*: ANAIS DO 20º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2011. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2011/trabalhos/dispositivos-interacionais?lang=pt-br>. Acesso em: 26 jul. 2023.

_____. Na práxis social: processadores comunicacionais. *In*: ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2023, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2023. Disponível em:

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed53.2024.392>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 24, Nº 53, p.119-134, maio/ago. 2024

<<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/na-praxis-social-processadores-comunicacionais?lang=pt-br>>. Acesso em: 21 nov. 2023.

CAVENAGHI, Beatriz de Araujo. **O Corpo como mídia**: códigos para a gestão da comunicação não verbal no telejornalismo. 2018. 230 f. Tese (Doutorado) - Curso de Engenharia e Gestão do Conhecimento, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/193217/PEGC0540-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 jul. 2023.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez Editora, 1992. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/73/o/Texto_49_-_Coletivo_de_Autores_-_Metodologia_de_Ensino_da_Ed._Fsica.pdf. Acesso em: 26 jul. 2023.

DAOLIO, Jocimar. Os Significados Do Corpo Na Cultura E As Implicações Para A Educação Física. **Movimento**, [S. l.], v. 2, n. 2, 2007. DOI: 10.22456/1982-8918.2184. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2184>. Acesso em: 26 jul. 2023.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

_____. **Microfísica do poder**. 24. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

HAIBARA, Alice; SANTOS, Valéria Oliveira. As técnicas do corpo. *In*: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2016. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/tecnicas-do-corpo>. Acesso em: 25 jul. 2023.

KIRSTEN, Milena de Lourdes Gomes; AVELAR, Luciane Silva; BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. O conceito de corporalidade em periódicos da Educação Física brasileira: uma revisão integrativa. **Motrivivência**, [S.L.], v. 34, n. 65, p. 1-19, 7 mar. 2022. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e83645>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/83645/48427>. Acesso em: 25 jul. 2023.

MARTINO, Luiz. Interdisciplinaridade e Objeto de Estudo da Comunicação. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política, livro 1: o processo de produção do capital, v. 1. 29. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOURA, João Martinho; BARROS, Né; FERREIRA-LOPES, Paulo. Embodiment in Virtual Reality. **International Journal Of Creative Interfaces And Computer Graphics**, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 27-45, jan. 2021. <http://dx.doi.org/10.4018/ijcicg.2021010103>. Disponível em: <http://jmartinho.net/research/embodiment-in-virtual-reality-the-body-thought-present-and-felt-in-the-space-of-virtuality/>. Acesso em: 26 jul. 2023.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Corporalidade. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. (Orgs.). **Dicionário crítico de educação física**. 3. ed. rev. e ampl. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.

PIRES, Helena; MOURA, João Martinho; BARROS, Né; FERREIRA-LOPES, Paulo. Braga, snapshots in virtual reality: Do sentir ao pensar. In: Helena Pires e Zara Pinto-Coelho (Eds.), **Transartes, arte expandida e novas linguagens**. Minho: CECS, 2021, p. 101-130.

ROSÁRIO, Nísia Martins. **Corporalidades eletrônicas**: comunicação do corpo em estudos midiáticos. Porto Alegre: Imaginalis, 2022. Disponível em https://www.ufrgs.br/imaginalis/wp-content/uploads/2022/11/corporalidades-nisia_04.pdf. Acesso em: 21. jul. 2023

SANTIN, Silvino. Corporeidade. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário crítico de educação física**. 2.ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2010.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. Corpo-Sujeito. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário crítico de educação física**. 2.ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2010.

SHANNON, Claude Elwood. Mathematical Theory of Communication. **Bell System Technical Journal**, v. 27, n. 4, p. 623–656, out. 1948. Disponível em:

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed53.2024.392>

<https://people.math.harvard.edu/~ctm/home/text/others/shannon/entropy/entropy.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2023.

SILVA, Ana Márcia. Corpo. *In*: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário crítico de educação física**. 2. ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2010.

SILVA, Ana Márcia; SILVA, Ana Paula Salles da; TUCUNDUVA, Tatiana. Corpo, cultura e natureza em terras quilombolas. *In*: SILVA, Ana Márcia; FALCÃO, José Luiz Cirqueira (Org.). **Práticas corporais em comunidades Quilombolas de Goiás**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.